

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR O CINEMA NOVO DE TAIWAN
11 e 18 de junho de 2024

A FU DE LI WU
“Ah Fu” / 1984

um filme de Mak Tai-Kit, Lo Wei-Ming, Li Chi-Hua

Realização: Mak Tai-Kit, Lo Wei-Ming, Li Chi-Hua / **Argumento:** Jiu Chang, Li Chi-Hua, Lo Wei-Ming / **Montagem:** Ching-Sung Liao, Tai-Kit Mak / **Fotografia:** Christopher Doyle, Hui-Kung Chang, Chi-Ming Leung / **Com:** Ellen Chan, Chun-Fang Chang, Hui-Kung Chang, Shao-Chiang Cheng, Ao-Hsin Chin, Kuang-Chien Huang, Tao Hung, I-Chen Ko, Bao-Li Ku, Tien-Chu Lee, Yin-Ying Lu, Fok-Yiu Tse, Te-Fen Wang, La-Yun Wu.

Produção: Central Motion Picture Corporation (Taiwan) / Produtor: Hsin Chih Hsu / Cópia: DCP, do Taiwan Film and Audiovisual Institute, cor, legendada em português, 104 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Aviso: a cópia que vamos exibir não tem genérico inicial ou final, iniciando-se com alguns segundos a negro que corresponderiam eventualmente os créditos ausentes nesta versão do filme.

Nalgum cinema asiático, a popularidade dos filmes compostos por vários segmentos autónomos (também chamados filmes em episódios) parece ter perdurado até mais tarde do que a voga que esta espécie de género conheceu na Europa até meados dos anos 1970. No caso do Cinema Novo de Taiwan, a começar pelo filme que é considerado o seu ponto de partida, GUANG YIN DE GU SHI/IN OUR TIME (1982), há múltiplos exemplos destes filmes em “sketches” assinados por vários realizadores, unidos ou não por um tema ou outro elemento comum (neste Ciclo, em nove filmes, três deles recorrem a esse modelo). Entre outras razões para esta abundância de filmes em episódios no contexto de Taiwan poderá haver uma que tem a ver com questões de produção e de estratégia comercial. Dada a reduzida experiência da maioria dos realizadores estreados que caracteriza o arranque do Cinema Novo de Taiwan, terá sido também porventura para reduzir custos e riscos que se terá dado esta aposta no formato. Em histórias de 30 a 40 minutos, a perda de controlo por parte de um realizador inexperiente seria menos provável e um episódio menos conseguido poderia ser colmatado no conjunto do filme por um ou outro segmento mais logrado.

As três histórias de A FU DE LI WU (ou apenas AH FU no título internacional) são um bom exemplo das vantagens e dos limites do filme em episódios. O frágil fio condutor entre os segmentos teria a ver com a sorte (ou falta dela) de cada uma das personagens centrais (Ah Fu significa qualquer coisa como “sortudo”), o que nos parece mais um pretexto útil para promoção do filme junto do público do que o resultado do visionamento consecutivo das três

histórias. É até algo insólito que outro e bem mais evidente elo de ligação entre as várias partes (a situação geográfica como elemento determinante do que se conta) não tenha sido relevado para o título da obra, já que permitiria unir de forma mais consistente uma obra tão dispersiva no tom e na temática das suas narrativas. Ao situar o primeiro segmento em Hong Kong, o segundo na China continental e o terceiro em Taiwan, o filme constrói um curioso tríptico sobre diferentes vivências nas “três Chinas” no dealbar dos anos 1980. Se o investimento na renovação do cinema de Taiwan nessa década (que começou curiosamente por ser de iniciativa política pois a produtora de muitos destes filmes – a Central Motion Picture Corporation - era pertença do partido que controlava o Estado) foi responsável pelo lançamento de muitos novos nomes na realização, parece também ter havido muito desperdício de talento. Dos três realizadores de AH FU (todos a fazer aqui a sua estreia no cinema) apenas o autor do último segmento (porventura o menos conseguido, mas certamente o de tom mais comercial) deu continuidade à sua carreira cinematográfico, sendo que os dois primeiros parecem ter desaparecido sem deixar rasto.

Mas vamos por partes. O primeiro episódio de AH FU centra-se num conjunto de jovens adultos em crise de crescimento numa cidade (Hong Kong) dada quase sempre em ambientes nocturnos. Entre muita pose e despiques de motos a fazer lembrar as corridas de carro para o abismo de REBEL WITHOUT A CAUSE, paira sobre este grupo de amigos a sombra da proximidade de 1987, data prevista para a devolução de Hong Kong à soberania chinesa e com ela o fim de um modo de vida (que aqui pode ser confundida com o fim dos sonhos de adolescência). Várias vezes as personagens perguntam "o que vais fazer depois de 1987?", mas num filme de tonalidades trágicas - a contrastar com os *néons*, os *looks* e os sons *pop* dos dourados anos 80 -, a resposta parece ser uma difícil escolha entre partir para sempre ou sucumbir. Algo do langor e do *spleen* destes corpos e rostos de Hong Kong parece prenunciar o cinema de Wong Kar-Wai, ideia que talvez deva algo à presença do nome de Christopher Doyle como um dos directores de fotografia de AH FU. Na sua brevidade, a efemeridade desta história do amor frustrado entre o mecânico motociclista e a rapariguinha do shopping ("Os amantes que se encontram à chuva juram amor até à morte") soube-nos a tanto e a pouco ao mesmo tempo. Estranha-se que o promissor Mak Tai-Kit não tivesse dado continuidade ao que nos parece uma férrea vontade de cinema (mas de casos destes está também o cinema português dos anos 80 cheio).

Com um corte súbito e um *raccord* com água segue-se para a próxima história de AH FU. Estamos agora na “mainland China”, por alturas da ressaca da Revolução Cultural e do ajuste de contas com o “Bando dos Quatro”. A personagem principal, recém-libertada de um campo de reeducação, regressa à sua aldeia dez anos decorridos para reencontrar a mulher casada com outro homem. Se o princípio deste segundo segmento mistura tempos para confundir intencionalmente o espectador sobre o grau de realismo ou de onirismo do que estamos a ver será para melhor vincar a assombração do presente pelo passado na história colectiva da China. O homem que regressa é um fantasma para quase todos (é bonito o momento em que ele reconhece a figura da mulher sobre um ecrã de cinema durante uma sessão de filmes revolucionários) e a sua história vai repetir-se no destino do novo marido da mulher. Esta circularidade acentua o desamparo desta mulher a fazer o luto por dois maridos ainda vivos. No simbólico final, o plano mostra-nos a ponte sobre o riacho onde se reencontrou com o

primeiro marido, mas onde já está ausente qualquer figura humana, apagadas pelo turbilhão da história política chinesa no século XX. *Fade* a negro para a próxima história.

A drástica alteração de décor – da China rural continental para o bulício urbano da capital de Taiwan - é acompanhada por uma ainda maior mudança de registo. Estamos agora numa comédia de costumes centrada no proprietário de um restaurante e nas suas tentativas algo ingénuas para fazer singrar o negócio e ao mesmo tempo conquistar o coração de uma das suas empregadas. O realizador Li Chi-Hua, que viria a assinar filmes de géneros populares nos anos 1980 e 1990 e que foi também actor em filmes de Ringo Lam e Tsui Hark, constrói algumas situações engraçadas, aqui e ali até com certa inventividade visual, mas, sem tempo e vontade para aprofundá-las ou para construir personagens menos caricaturais, o que levamos daqui é um simpático mas levezinho esboço de comédia romântica, coroado por um *happy end* tão inevitável como improvável.

Nuno Sena